

MARCOS ALBUQUERQUE
Universidade Federal de Pernambuco

Trabalhos mais recentes de arqueologia brasileira têm demonstrado uma preocupação crescente com o estudo da área de ocupação dos grupos pré-históricos. Entretanto, apesar dos esforços desenvolvidos por alguns grupos de pesquisa, as informações pertinentes ao assunto ainda se apresentam demasiado escassas. O tema deste artigo, embora possua uma conotação ampla e de interesse geral, é desenvolvido a partir de uma abordagem específica, bem como os resultados apresentados voltam-se apenas para a ocupação de grupos ceramistas identificados arqueologicamente como integrantes da tradição Tupiguarani no Estado de Pernambuco.

O número de sítios arqueológicos desta tradição, escavados no Brasil, constitui-se, nos dias atuais, em um acervo gigantesco de material cerâmico. A tradição foi tripartida em subtradições e as fases proliferaram de modo assustador. Os elementos diagnósticos utilizados para a identificação de fases são pouco claros, mesmo considerando-se apenas o componente cerâmico. Os mais elementares princípios taxonômicos, se aplicados corretamente, reduziram de forma substancial o número das fases já identificadas para a tradição Tupiguarani. O peso demasiado atribuído ao antiplástico na determinação da fase propiciou a elaboração de seriações com pouca consistência epistemológica. Diferenças entre percentuais de ocorrência de antiplástico separou cerâmicas e definiu fases além de estabelecer rotas de migração. O estudo do antiplástico, como elemento componente de outras relações (Albuquerque & Alves, 1983; Albuquerque, 1984), foi muito pouco explorado pela arqueologia brasileira. As fases arqueológicas, se entendidas de uma forma mais ampla (Albuquerque, 1987), deverão conter em seus princípios diagnósticos elementos que identifiquem a sociedade estudada e não apenas poucos e frágeis elementos de uma de suas produções, a cerâmica.

O estudo do espaço de ocupação de um grupo pré-histórico é de vital importância para o entendimento desta sociedade. Este estudo não deverá, entretanto, ser realizado de forma isolada como ocorre habitualmente com a cerâmica. Os diversos componentes de uma sociedade, resgatados arqueologicamente, deverão ser tratados de forma relacional, a fim de que o arqueólogo possa atingir a sociedade, objeto do estudo.

Lamentavelmente, em decorrência das técnicas de escavação empregadas no Brasil, sobretudo a partir da década de 60 (Ford, 1962; Evans & Meggers, 1965; Meagers & Evans, 1970), o espaço e sua ocupação não constitui-se em preocupação relevante para a arqueologia brasileira. Acreditava-se que a coleta superficial do material cerâmico ou a realização de alguns cortes estratigráficos seriam suficientes desde que fosse obtido um determinado número de fragmentos. A confirmação destas afirmações podem ser facilmente constatáveis ao se tentar responder questões relativas a forma das aldeias, a área de ocupação residencial, a área de ocupação do grupo, a proporção entre a área de ocupação residencial e a grupal, a relação de ocupação espacial entre as ocas na mesma aldeia, o espaço destinado ao trabalho individual e coletivo no interior das ocas, e mais algumas dezenas de questões que poderiam ser levantadas dentro do tema.

Alguns autores referem-se a presença de manchas e suas dimensões, entretanto não são estabelecidas correlações que conduzam ao entendimento da ocupação do espaço por parte dos grupos identificados como integrantes da tradição Tupiguarani. Estudos mais detalhados das "manchas de ocupação" constitui-se já em preocupação de alguns grupos de pesquisa (cf. Pallestrini & Morais, 1982; Pallestrini & Perasso, 1984; Wüst, 1981/82), entretanto os aspectos relacionais ainda não foram trabalhados de forma a possibilitar um entendimento da sociedade de forma mais ampla. Face a uma mudança que já se começa a observar no bojo das preocupações da arqueologia brasileira, urge uma reflexão profunda das técnicas e métodos utilizados e, sobretudo, de seus propósitos.

Não será discutido, neste artigo, técnicas de escavação ou processos de identificação de áreas de ocupação. Serão apresentadas algumas relações obtidas através do estudo relacional de manchas de ocupação de algumas fases da Tradição Tupiguarani no Estado de Pernambuco.

Observou-se, a partir do estudo comparativo entre plantas de diversas aldeias, que as manchas de ocupação se apresentavam com tamanhos variados. Esta constatação conduziu a diversos questionamentos relativos ao processo de ocupação espacial do

grupo. Partiu-se então da premissa que o tamanho das habitações, o relacionamento entre as áreas das diversas manchas, o seu posicionamento absoluto e relativo, não deverão estar submetidos a um processo aleatório. Este processo deverá refletir uma "lógica operacional" (Albuquerque, 1987), oriunda das relações sociais do grupo. Em instância subsequente, tentou-se estabelecer parâmetros que refletissem algumas destas relações. Foi aplicado o cálculo de correlação linear e regressão (Spiegel, 1971) ao conjunto das medidas das áreas de cada mancha entre aldeias da mesma fase.

As aldeias estudadas são integrantes das fases Cangaça e Araripe (Albuquerque, 1987), pertencentes a Tradição Tupiguarani. Em ambas observa-se uma amplitude total entre as áreas das manchas de 368 m², ou seja, na mesma aldeia, são encontradas manchas com a área de 32 m² e 400 m² simultaneamente. Outras manchas, que integram a aldeia, apresentam área que não extrapolam os valores extremos. Alguns valores obtidos se encontram próximos em algumas manchas e distanciados em outras. Uma análise "a priori" poderia sugerir uma completa disparidade entre os espaços ocupacionais dentro da mesma aldeia. Entretanto considerou-se o coeficiente +1 e -1 para a correlação total, obteve-se para este estudo o coeficiente de .9, revelando haver uma correlação altíssima entre a distribuição das manchas dentro da mesma aldeia, em função de suas áreas, em comparação com as áreas das manchas de uma outra aldeia da mesma fase.

A constatação destes coeficientes deverá redirecionar as preocupações com relação ao estudo das áreas ocupacionais dos grupos da tradição tupiguarani. O seu acompanhamento entre aldeias da mesma fase poderá funcionar como um dos elementos diagnósticos do momento de rutura. O estudo da distribuição e conteúdo do material arqueológico em cada mancha, considerando a sua área, possibilitará a penetração nos aspectos organizacionais do grupo e suscitarão novos questionamentos pertinentes a suas relações sociais. O entendimento do espaço interno de cada oca ou dependência é sobremaneira facilitado a partir da constatação concreta de que cada aldeia é constituída por um conjunto de espaços ocupacionais de áreas diferentes e que mantêm entre si uma forte correlação.

Após a identificação do coeficiente de correlação para uma determinada fase, com relação a distribuição espacial, é possível a utilização de recursos complementares na escavação de outras aldeias. A localização de um conjunto de manchas poderá ser auxiliada pela utilização do cálculo de regressão linear. Na prática, com o auxílio de uma pequena calculadora que realize estas operações, poderá ser identificado se o conjunto de manchas encontradas preenche as expectativas da lógica identificada. Poderá, inclusive, sugerir o provável tamanho de mancha ainda não localizada.

Os resultados apresentados neste artigo, representam a preocupação com os estudos das relações espaciais, objetivando um maior entendimento da organização social dos grupos da tradição tupiguarani. Outras relações encontram-se em fase de processamento e serão oportunamente divulgadas.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em Torno da Utilização do Antiplástico como Elemento Classificatório da Cerâmica Pré-Histórica. *CLIO, Revista do Mestrado em História* ((6), Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1984.
- _____. Ocupação Tupiguarani no Estado de Pernambuco. *Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste*, Recife. 1987. CHESF, 1989.
- ALBUQUERQUE, Marcos & ALVES, Claristella. O Sítio Arqueológico de Quipapá (PE 79-Plm). Contribuição ao Estudo da Tradição Tupiguarani no Nordeste do Brasil. *Boletim do Departamento de História da UFPE, Série Arqueológica* (1): 1-23. Recife. 1983.
- EVANS, Clifford & WEGGERS, Betty. *Guia para Prospecções Arqueológicas no Brasil*. Série "Guias" nº 2, Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 1965.
- FORD, James A. *Método Quantitativo para Estabelecer Cronologias Culturais*. Manuais Técnicos, III. Union Panamericana - Washington, D.C. 1962.
- MEGGERS, Betty & EVANS, Clifford. *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica*. Smithsonian Institution. Washington, D.C. 1970.
- PALLESTRINI, Luciana & MORAIS, José Luís. *Arqueologia Pré-Histórica Brasileira*. Universidade de São Paulo, Museu Paulista, Fundos de Pesquisas. São Paulo. 1982.

- PALLESTRINI, Luciana & PERASSO, José Antonio. **Arqueologia: Método y Técnicas en Superficies Amplias**. Biblioteca Paraguaya de Antropología, Vol. IV, Centro de Estudios Antropológicos, Universidad Católica. Asunción. 1984.
- SPIEGEL, Murray R. **Estatística**. Coleção Schaum. McGraw Hill do Brasil. São Paulo. 1971.
- WÜST, Irmild. Primeiros Resultados e Perspectivas de uma Análise Espacial em uma Área do "Mato Grosso de Goiás". In: **Arquivos do Museu de História Natural**, vol. VI/VII: 235-247. Belo Horizonte. 1981/82